

## **O Estado de S. Paulo**

**10/6/1990**

### **A aposta num líder que virou adversário**

GUARIBA— Menos de cinco anos depois de anunciar em conferências e debates por todo o País o surgimento, em Guariba, de um líder que, segundo suas previsões revolucionaria a luta agrária e se , transformaria em uma espécie de "Lula Rural", a Central Única dos Trabalhadores (CUT) admite ter falhado. Essa estratégia seria o motivo do, atraso de alguns anos na chegada da CUT ao campo. José de Fátima Soares, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba trocou, em pouco tempo, o PT pelo PDS de Paulo Maluf, mudou seu discurso radical e, atualmente, se considera o maior adversário da Central nas regiões canavieiras do Estado.

"É um bando de arruaceiros", acusa o sindicalista. Na semana passada, ao se sentir incomodado com a presença dos antigos aliados na cidade, chamou duas vezes a polícia e os denunciou por "crime contra a organização do trabalho". "Foi um erro", lamenta Lafaiete Biet, que afirma ser outra, agora, a estratégia. "O processo é mais lento, com muitas reuniões, após os trabalhadores de lugares onde os sindicatos são pelegos nos procurarem", disse.

Desde que a CUT decidiu investir pesado no meio rural, afirma Biet, cerca de cem novos líderes já foram formados nas escolas sindicais da entidade na Grande São Paulo e no interior de Minas. O plano da Central é programar cursos regionais e formar, com o apoio de organismos ligados à Igreja Católica — como as pastorais da terra e dos migrantes e as Comunidades Eclesiais de Base — mais 200 sindicalistas. Para isso, o departamento rural, incluindo os sindicatos já filiados, dispõe de cerca de cem pessoas.

Para facilitar a tarefa, a própria Central reavaliou antigos dogmas e, em prejuízo dos movimentos de sem-terra das zonas mais pobres do Estado, passou a dar prioridade à organização dos assalariados rurais, que chegam a 1,5 milhão no Estado.

Os cutistas estimam que os sindicatos filiados à Central possuem em suas bases pouco mais de 200 mil bóias-frias, mas menos de 10% são sindicalizados. "É um grande avanço para quem praticamente não existia até pouco tempo atrás", comemora Lafaiete.

**(Página 10)**